

Tambores silenciados – alegoria e autoritarismo

João Batista de Abreu ¹
Universidade Federal Fluminense

Resumo

O romance *Tambores silenciosos*, do escritor, radialista e jornalista gaúcho Josué Guimarães (1921-1986), é ambientado na pequena cidade fictícia de Lagoa Branca, no Rio Grande do Sul. O livro representa a metonímia do autoritarismo local, herança da República Velha que teima em resistir, mesmo depois da Revolução de 1930. As alegorias remetem às duas ditaduras presentes na História do Brasil no século XX, a do Estado Novo (1937-1945) e a do regime civil-militar (1964-1985). Personagens e situações absurdas inspiram-se em episódios reais testemunhados pelo autor, que foi perseguido após o golpe militar de 1964. O texto insere-se no realismo mágico da literatura latino-americana.

Palavras-chave: ditadura, integralismo, realismo fantástico, censura, rádio

Texto do Trabalho

“Caminhava num pequeno espaço, que o resto da peça estava abarrotado de caixas e de receptores de rádio; ele empurrou um dos aparelhos com o pé: às vezes fico a pensar se alguém ainda continua a esconder um desses troços, sei lá, por mais que a gente procure, sempre eles encontram um buraco onde esconder um aparelho de rádio; debaixo de cama não, que a gente bate logo nesses lugares, dentro de guarda-roupa, sótão, porão, outro dia descobrimos um nos fundos de um quintal, na latrina, sim senhor, e o dono da casa chorou que devia ser coisa dos meninos, que ele seria incapaz de fazer uma desonestidade dessas.” (Guimarães, 1976, pag 07)

A narração contida no início do livro *Tambores silenciosos*², de Josué Guimarães, descreve o desabafo do capitão Ernesto Salgado, da Brigada Militar da cidade fictícia de

¹ Trabalho apresentado no GP de Rádio e Mídia Sonora, no XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Prêmio Érico Veríssimo de Romance de 1975

Lagoa Branca. A história transcorre durante a Semana da Pátria de 1936, um ano antes da decretação do Estado Novo pelo presidente (e futuro ditador) Getúlio Vargas. Lagoa Branca fica em algum lugar do mapa virtual entre Passo Fundo e Cruz Alta, no norte do Rio Grande do Sul.

O rádio era visto como elemento desagregador da sociedade tradicional. Pelas novidades que transmitia e pelas ideias exóticas que embutia. Fosse de inspiração comunista ou integralista, aquele aparelho de galena – a que poucos tinham acesso – incomodava o poder local e, por isso, precisava ser silenciado. Em Lagoa Branca jovens que se atrevessem a ouvir a Rádio Gaúcha, mesmo que apenas as músicas de Lamartine Babo, iam sofrer com o interrogatório do sargento Deoclécio. Galenas e tambores deveriam ser apreendidos.³

No romance do escritor, radialista e jornalista gaúcho Josué Guimarães (1921-1986), a pequena cidade de Lagoa Branca representava a metonímia do autoritarismo local, herança da República Velha que teimava em resistir, mesmo depois da Revolução de 1930.

Naquela cidade, o tempo era marcado pelo trem, que trazia as novidades, os forasteiros e os jornais da capital Porto Alegre. A correspondência era cerceada. Na visão do prefeito, o coronel João Cândido Braga Jardim – antigo oficial da Guarda Nacional – os jornais *Correio do Povo* e *Diário de Notícias* mostravam as adversidades do mundo, como os fuzilamentos em série na Guerra Civil espanhola, e daí precisavam ser queimados para poupar a sociedade local dos dissabores do mundo. “Vinte mil pessoas fuziladas em Madri nos últimos trinta dias. (...) eles matam gente como quem mata negro; vinte mil, Nossa Senhora; e se a gente deixa cair isso nas mãos do nosso povo, ia ser um deus-nos-acuda” (pag 5)

Qualquer semelhança com a queima pública dos livros malditos pelo Terceiro Reich não é mera coincidência. Afinal, cabia ao Estado selecionar o que a comunidade deveria tomar conhecimento. Mas como em toda vila, existem as exceções.

“O rapaz obedeceu e, como sempre fazia, queimou todos menos um, o exemplar destinado à Ação Integralista Brasileira, que assim permitia aos plinianos tomarem conhecimento dos manifestos do chefe, transmitidos do Rio, das noites dos tambores

³ Na verdade, o rádio só assume relevância com a disponibilização de aparelhos valvulados, que propiciam audição coletiva. O rádio de galena tinha audição individual.

silenciosos, da atividade dos núcleos municipais e da doutrinação do companheiro Miguel Reale.”⁴ (pag 5)

O poeta da cidade, Dino Maldonado – que assinava os poemas como Dino Luz – fora parar no xadrez depois que o inspetor de polícia descobriu na casa dele o livro *Cacau*, o segundo romance de Jorge Amado, publicado em 1933. Quando a mulher e os filhos pequenos foram visitá-lo, o delegado desculpou-se, alegando que cumpria ordens do prefeito, coronel João Cândido. No romance, Jorge Amado é visto como escritor maldito, alguém que ameaçaria a paz em Lagoa Branca. Na vida real, o autor de *Mar morto*, filho de um fazendeiro de cacau de Itabuna, no sul da Bahia, nunca escondeu quando jovem a simpatia pelo comunismo. Em 1945, foi eleito deputado constituinte pela legenda do Partido Comunista do Brasil (PCB), sendo o parlamentar mais votado pelo estado de São Paulo. Jorge Amado é autor da lei que garante a liberdade religiosa no país.

A presença na cadeia do poeta Dino Luz, uma pessoa de classe média, fez o delegado trocar o colchão e deixá-lo em cela separada dos chamados prisioneiros comuns. Lagoa Branca adotou uma postura distinta da ditadura civil-militar, que não reconhecia o status de preso político daqueles que combatiam o regime. Após o golpe militar de 1964, Josué passou a escrever sob pseudônimo até ser descoberto em 1969, quando teve que responder a inquérito aberto pelos órgãos de segurança em Porto Alegre.

“O poeta estava com ar abatido, abraçou e beijou a mulher e os filhos, disse para eles em voz bem alta para que o tenente e os praças que andavam por ali ouvissem: vocês não precisam se envergonhar do pai que têm, é um homem que sofre de injustiça política, um dia isso ainda há de ficar registrado na História.” (pag 40)

Josué Guimarães terminou de escrever *Os tambores silenciosos* em 1975, em Lisboa, onde trabalhava como correspondente do *Correio do Povo*. Em Portugal cobriu a Revolução dos Cravos, em abril de 1974, e o processo de independências das antigas colônias na África (Angola, Moçambique, Guiné Bissau, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe).

O título do romance remete ao ritual afro-religioso Noite dos Tambores Silenciosos, praticado em Pernambuco em louvor à Nossa Senhora do Rosário –padroeira dos negros. O

⁴ A referência a “plinistas” diz respeito a Plínio Salgado, principal líder integralista.

culto, que reúne grupos de maracatu, reverencia os escravos, que, proibidos de cultuar os antepassados, realizam suas cerimônias às escondidas. A referência remete à necessidade de os jovens de Lagoa Branca ouvirem rádio e lerem os jornais da capital também às escondidas, para escapar à fúria da Brigada Militar.

Um dos amigos e conselheiros dos estudantes é o professor Ulisses, nome do deputado Ulysses Guimarães. Originário do PSD, foi ministro da Indústria e Comércio do Governo João Goulart e, após o golpe militar, liderou a oposição como presidente do MDB. Em 1974, disputou a presidência da República como candidato de oposição contra o general Ernesto Geisel, na eleição indireta no Congresso.

O professor caminhava devagar, levava debaixo do braço uma pilha de cadernos, os cabelos brancos refletiam as luzes das janelas. Pararam na esquina, dali cada um ia para a sua casa. Um aluno perguntou se ele estava sentindo alguma coisa, pois claudicava de uma perna, ele disse que não, mas que quando eles chegassem aos sessenta anos por certo iam saber o que era o reumatismo e a ciática (...) Ficou na beira da calçada, botou a mão no ombro de um dos rapazes e aconselhou que tomasse mais cuidado. O Capitão Ernesto não era deste mundo, essa brincadeira de montar um aparelhinho de galena para captar ondas de rádio não tinha nenhum sentido, não ganhava nada com isso, o resultado bem que podia ser desagradável, ele que não esquecesse o que havia acontecido com o filho do dono da funerária, que só por guardar no colchão um pedaço de jornal velho tinha acabado na cadeia e de lá saíra com muitas marcas no corpo, sem que ninguém até aquele momento soubesse na realidade o que lhe acontecera.”

O conselho de Ulisses coincide com a oposição moderada exercida pelo MDB. A oposição com ousadia seria a guerrilha. Na cidade imaginária, ouvir rádio de galena e ler jornal de fora era interpretado como um ato radical, punido com a tortura. Tudo sem o conhecimento da população. A moderação viria com a maturidade do professor Ulisses. A ousadia com a juventude do filho da funerária. Qualquer semelhança com as prisões e torturas durante o regime militar não é mera coincidência.

Aqui no Brasil, parte da imprensa vivia sob censura, desde o governo do general Garrastazu Médici, conterrâneo do escritor, e o sucessor, general Ernesto Geisel. Assim como o prefeito da ficção João Cândido, os dois generais de verdade, Médici e Geisel, alegavam que o controle dos meios de comunicação evitava o ambiente convulsivo e ainda servia para deixar a população mais feliz. É célebre a frase do general Médici sobre o *Jornal Nacional*, ao argumentar que sentia uma sensação de conforto ao ver notícias sobre

atentados, crises políticas e tragédias em todo o mundo, mas nada de ruim acontecia no Brasil.

As alegorias não param por aí. A Lagoa Branca do coronel João Cândido queimava os jornais porto-alegrenses e jogava os mendigos no Rio Soturno. No início da década de 1960, a Secretária de Serviços Sociais do governador Carlos Lacerda, do Estado da Guanabara, Sandra Cavalcanti, fora acusada de promover incêndios criminosos em favelas programadas para remoção e atirar mendigos no Rio Guandu, na Baixada Fluminense. As denúncias nunca foram confirmadas, mas acabaram sendo incorporadas ao folclore político carioca.

A semelhança com o realismo fantástico de García Márquez, Julio Cortázar e Vargas Llosa, segue a estratégia de escrever sobre o presente nas entrelinhas do insólito. Josué Guimarães, contemporâneo destes três ícones, da literatura latino-americana, trilha os mesmos caminhos que recorrem à imaginação fértil do narrador para denunciar o autoritarismo na sociedade. O autor mantém um pé na fantasia e o outro na verossimilhança.

O texto, de períodos longos, mantém a marca visual, com descrições detalhadas das personagens e do ambiente.

“De manhã cedo, turno de Maria Madalena, a visão ficava muito prejudicada por uma espécie de nevoeiro pouco denso, cortado por pardais e algumas borboletas grandes e brancas que esvoaçavam em ziguezague como os morcegos, em bandos que saíam detrás dos arbustos e que depois seguiam como um tapete voador na direção das águas do Soturno e adejavam lentas, quase tocando na superfície espelhada do rio, até se perderem na bruma.” (Guimarães, 1976, pag 19)

Nos anos 1930, o trem e o rádio faziam a população embarcar numa viagem na qual não se conhecia o destino. Ambos desempenhavam o papel de desarticuladores da monotonia do interior retratada no romance de Josué, um gaúcho nascido no município de São Jerônimo que viveu uma infância e adolescência bem de acordo com os costumes da fictícia Lagoa Branca. A cidade corresponde a uma construção imagética que simboliza praticamente todo o Brasil rural. O novo, preconizado pela Revolução de 1930, demoraria a se concretizar em mudanças nas estruturas culturais, sociais e fundiárias.

“Maria Celeste estava acomodada na sentadeira da sua janela predileta, os cotovelos cravados no peitoril de madeira carcomida, as mãos segurando firmes o binóculo que havia sido de seu pai Juvêncio Pilar e que agora fitava um pedaço da plataforma da estação da Viação Férrea, do outro lado da cidade.”

As personagens das seis irmãs costureiras de nome Maria – Celeste, Glória, Lourdes, Madalena, Fátima e Conceição – simbolizam este interior avido por novidades. Daí o telescópio manipulado da janela da casa pelas marias para enxergar quem desembarcava na estação ferroviária. A espreita a distância representa a curiosidade, a esperança do novo. Uma curiosidade que não se podia revelar, pois que poderia significar uma ameaça à autoridade local. Celeste tivera confiscado o velho rádio Polyson da família pelo prefeito coronel. Restava o trem, impossível de confiscar.

A sátira política e a crítica à elite local norteiam o romance. Na dissertação de mestrado *Os Tambores silenciosos: voz popular e alegria revolucionária*⁵, o professor Cleverson Ribas Carneiro lembra que a década de 1970 foi marcada pelo cerceamento das liberdades civis no Brasil

A literatura da época, inserida nessa realidade, retomou princípios estéticos do realismo dos anos 30 e aproximou-se, pela primeira vez na história do país, da literatura hispano-americana, substituindo as representações naturalistas, então sob crivo da censura, por uma escrita metafórica e fantástica. Tematicamente, o ufanismo e a esperança em uma revolução socialista no país, que se tinha desenvolvido nos anos 60, foram substituídos por uma reflexão sobre as estruturas de funcionamento do poder e pelo pessimismo. Este sentimento, porém, não pode ser entendido como um beco sem saída para a intelectualidade brasileira, antes foi, paradoxalmente, uma das molas propulsoras de um renovador contato com a realidade nacional. (CARNEIRO, 2002)

O professor observa que a polaridade predominante no meio cultural no período anterior ao golpe de 1964, entre classe oprimida e opressora, burguesia e operariado, alegria e tristeza, foi substituída por um clima de desolação.

Em meio ao derrotismo que assolava a intelectualidade nacional, a literatura brasileira pós- 64 conseguiu descobrir caminhos que a libertaram do ressentimento e da negatividade pura e simples, o que permitiu que aflorasse na produção literária do período uma atitude positiva perante a realidade catastrófica e sem saída que se delineava. Misturadas, a análise pessimista do poder, as narrativas realistas/naturalistas que se propunham a fazer

⁵ Dissertação defendida em 2002 no programa de pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná <http://dspace.c3sl.ufpr.br:8080/dspace/bitstream/handle/1884/24456/D%20-%20CARNEIRO,%20CLEVERSON%20RIBAS.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

um retrato do país, a adesão ao realismo fantástico, o recurso da alegoria ou as narrativas próximas do enunciado jornalístico da literatura-verdade, foram elementos muito presentes na literatura dos anos 70. Josué Guimarães é um dos escritores desse período cuja obra reflete, de forma bastante clara, a movimentação temática e estilística da literatura dessa década.

Na vida real, o confisco de aparelhos de rádio vai ocorrer no Rio Grande do Sul pouco tempo depois do tempo narrado no romance. Quando o presidente Getúlio Vargas declara guerra ao Eixo, em 1943, atendendo ao forte clamor popular após o torpedeamento de navios cargueiros na costa brasileira, a Polícia recebe orientação para apreender os aparelhos de rádio, sobretudo na região da Serra gaúcha. O objetivo era evitar casos de espionagem, como conta a pesquisadora Cida Golin, no artigo “Ouvir é obedecer: o confisco dos aparelhos de rádio”, que faz parte do livro *Batalha sonora – o rádio e a Segunda Guerra Mundial* (PUCRS, 2007). Ela analisa os efeitos da proibição de se falar e ensinar as línguas alemã, italiana e japonesa na Região Sul do país, após a declaração de guerra ao Eixo. O rádio é visto como perigoso instrumento de espionagem, principalmente as ondas curtas, que traziam a mensagem do Führer. Mas o confisco de aparelhos dependia muito da autoridade local. “Tal represália dependia, sobretudo, da iniciativa dos representantes das autoridades locais e de sua relação com os colonos e imigrantes. Ao contrário do que ocorreu com os alemães e seus descendentes, vigorou uma tolerância maior com os italianos.” (GOLIN, 2007 – pag 116)

Cida Golin revela que, em 1940, somente 5,74% dos domicílios brasileiros possuíam um aparelho de rádio. Apenas 2,11 da zona rural desfrutavam de energia, o que transformava o rádio praticamente em um privilégio da elite no campo.

“Objeto cobiçado e eventualmente proibido, o rádio, este *Orfeu* moderno como bem o definiu João do Rio, transmitia a voz do líder, dramática, envolvente, sedutora e, sobretudo, longínqua. Principalmente numa região ainda na pré-radiofonia, dependente da programação dos grandes centros. Muitos ouvintes eram vinculados ao cotidiano rural., sem domínio absoluto do idioma pátrio; foram coagidos de um momento a outro a abolir o imaginário da origem e da supremacia cultural de uma terra que os obrigou a migrar.”(GOLIN, 2007 – pag 123) .

Filho de um telegrafista e pastor protestante, Josué Marques Guimarães nasceu em janeiro de 1921 no município gaúcho de São Jerônimo. Ainda pequeno, a família transferiu-

se para Rosário do Sul, na fronteira com o Uruguai. Depois da Revolução de 30, mudou-se para Porto Alegre, onde completou o ensino médio no tradicional Colégio Cruzeiro do Sul.

Com apenas 18 anos, foi trabalhar como repórter no *Correio da Manhã*, no Rio de Janeiro. Casou-se muito cedo, aos 19 anos, Com a declaração de guerra ao Eixo, alistou-se como voluntário da Força Expedicionária Brasileira (FEB), mas acabou recusado porque era casado. A carreira de jornalista incluiu passagens pelo jornal *Clarim*, do então candidato a prefeito de Porto Alegre Leonel Brizola, *Folha da Tarde*, das empresas Caldas Jr, *Última Hora*, revistas *O Cruzeiro e Manchete*, *Jornal do Brasil* e *Folha de S. Paulo*, onde chefiava a sucursal de Porto Alegre, quando morreu em 1986. Fez de tudo um pouco: repórter, cronista, colunista, chefe de redação, editorialista, diagramador e ilustrador. Na década de 40 trabalhou em radioteatro na Rádio Farroupilha e lançou a revista *Ondas Sonoras* dedicada ao meio radiofônico. Passou ainda pela agência de publicidade MPM, onde trabalhava como redator. Na *Última Hora* de Samuel Wainer, foi correspondente na Àsia e se tornou o primeiro repórter brasileiro a mandar matérias da União Soviética e da China após a revolução liderada por Mao-Tsé-Tung.

Josué Guimarães também viveu uma trajetória política marcante. Exerceu a função de chefe de gabinete quando João Goulart ocupava a Secretaria de Justiça do Rio Grande do Sul. Em 1951, foi o vereador mais votado em Porto Alegre pela sigla do PTB e passou a vice-presidência da Câmara Municipal. Com a posse de Jango em Brasília, tornou-se diretor da Agência Nacional, equivalente hoje à Agência Brasil.

Após o golpe militar de 1º de abril de 1964, as portas se fecharam para Josué. Refugiou-se em São Paulo e teve que trabalhar sob pseudônimo para sobreviver. O jornalista, ensaísta e tradutor Léo Schlafman, 76 anos, gaúcho radicado no Rio de Janeiro, trabalhou com Josué na fase semanal do *Clarim*, de Leonel Brizola. “Ele tinha um estilo muito limpo, claríssimo, e uma capacidade de trabalho muito grande, além do talento de escrever sobre dois pontos-de-vista opostos.”

Schlafman lembra dos dois pseudônimos em colunas distintas de jornais de Porto Alegre, Dom Camilo e Peponne, ambos personagens extraídos do romancista italiano Giovanni Guareschi. O primeiro, um padre católico, defendia ideias conservadoras da Igreja católica em coluna no tabloide *Folha da Tarde*, do grupo Caldas Jr. Peponne, simpatizante do comunismo, mantinha uma coluna em um semanário da capital gaúcha. “Os dois se

digladiavam pela imprensa e aquilo fazia sucesso. Peponne espinafrava Dom Camilo, que respondia a altura. Era interessantíssimo.”

Para Léo Schlafman, ex-editor internacional do *Jornal do Brasil*, crítico literário e editor do Repórter Esso da TV Piratini de Porto Alegre, o principal romance de Josué é “A ferro e fogo”, que narra a história da colonização alemã no Rio Grande do Sul em riqueza de detalhes. “Foi um belo trabalho de pesquisa que ele realizou quando decidiu dedicar-se exclusivamente à literatura nos 20 últimos anos de sua vida. Uma vez conversando comigo o Fausto Wolf se surpreendeu ao saber que o Josué tinha escrito sobre os alemães no Brasil antes dele. E o mais interessante é que ele escreveu sem ter ascendência alemã. A ideia dele era fazer uma trilogia sobre o Rio Grande, mas parou no segundo livro”.

Restaram *A ferro e fogo I (Tempo desSolidão)* e *A ferro e fogo II (Tempo de guerra)*. O terceiro, *Tempo de angústia*, ficou pelo caminho. Josué morreu em 1986, mesmo ano de Luiz Beltrão, companheiro de Zita de Andrade Lima, homenageada neste livro. Josué deixou seis filhos, quatro do primeiro casamento e dois do segundo.

É hora de voltarmos aos *Tambores silenciosos*. O romance está chegando ao final. O tenente Hipólito acaba de entrar na casa do coronel João Cândido com uma notícia que o deixará indignado.

“– Coronel, acabo de vir da delegacia, quero comunicar ao senhor que abri as portas das cadeia, soltei mais de trinta rapazes filhos de famílias boas aqui da cidade, todos eles meninos de mais ou menos vinte anos, dois deles nem chegaram a essa idade, há um menino de quinze, no máximo (...) O senhor precisa saber que esses rapazes todos foram presos e torturados pelo crime de serem apanhados com esses radinhos de galena e o senhor não queria que ninguém aqui na cidade escutasse rádio; pois o inspetor e o capitão caçavam os meninos e entregavam os infelizes para aplicar os corretivos que agora se sabem quais eram. E tem mais, coronel, os mendigos que o senhor mandou o inspetor largar numa outra cidade qualquer apareceram afogados numa curva do Soturno, a alguns quilômetros aqui de Lagoa Branca; os corpos já foram encontrados e todos eles com sinais de espancamento; a essas horas a polícia de Rio Pardo é que está tomando conta do caso.” (GUIMARÃES, 1977, 2ª ed, pag 205-206)

O relato enche de ódio o prefeito, impotente diante daquela afronta a seu poder. Ele pede um cigarro ao tenente, que lhe é negado. Todo o maço se molhara no temporal que se abateu sobre a cidade. Sai à rua em meio à chuva e testemunha o tumulto das pessoas

correndo por todos os lados. Dá ordens no vazio e se desespera com o desprezo de seus antigos subalternos. De volta a casa o coronel resolve pôr fim à vida com um tiro de espingarda na boca. A mesma espingarda com que durante anos matara animais por prazer e intimidara a população de Lagoa Branca.

O desfecho de *Os tambores silenciosos*, que simboliza o fim do autoritarismo, difere bastante das duas ditaduras que o País vivenciou no século XX: a do Estado Novo (1937-1945) e a do regime militar (1964-1985). As duas esmoreceram por contradições internas. Caíram sem tiros de espingarda. Caíram as ditaduras, mas o autoritarismo permaneceu de pé. Josué Guimarães sofreu na carne as consequências do golpe militar de 1964. Talvez o menino de 15 anos, detido por gostar de ouvir rádio em Lagoa Branca, tenha sido inspirado no autor. Vai-se saber. O realismo fantástico deixa frestas para interpretações que ficam a cargo do leitor.

Referências bibliográficas

CARNEIRO, Cleverson Ribas. *Os Tambores Silenciosos: voz popular e alegria revolucionária*, dissertação de mestrado defendida em 2002 no programa de pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná

<http://dspace.c3sl.ufpr.br:8080/dspace/bitstream/handle/1884/24456/D%20-%20CARNEIRO,%20CLEVERSON%20RIBAS.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

GOLIN, Cida e ABREU, João Batista. *Batalha Sonora – o rádio e a Segunda Guerra Mundial*, Porto Alegre, PUCRS, 2007

GUIMARÃES, Josué. *Os tambores silenciosos*, Porto Alegre, Porto Alegre, Globo, 2ª ed, 1977

_____ *O cavalo cego*, Porto Alegre, Globo, 1979

Noite dos Tambores silenciosos,

Disponível em
http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar./index.php?option=com_content&view=article&id=198:noite-dos-tambores-silenciosos-&catid=61:letra-n&Itemid=1

Entrevista com o jornalista, ensaísta e tradutor Léo Schlafman, realizada no Rio de Janeiro, em junho de 2015.

